

Relato de uma editora e leitora¹

Castro, Marize
marizecastro2010@gmail.com

Em Zila, exilo-me²

Agradeço a direção da Biblioteca Central Zila Mamede pelo convite de vir aqui falar sobre o *Bibliocanto*. Foi uma experiência prazerosa, mas muito breve. Quando Gildete Figueiredo³ me fez o convite para editar o primeiro número, eu já estava assumindo a Direção Cultural da Capitania das Artes, órgão da Prefeitura de Natal, e me afastando temporariamente da UFRN, à época eu também editava a revista *Odisseia*, no Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Então, havia um acúmulo de trabalho. Mesmo assim, aceitei. Pois tudo que vem desta Biblioteca me toca. Emociona-me. Restaura coisas importantes em mim. Quando eu era estudante, era aqui o meu abrigo. Foi aqui, lendo o conto *A Biblioteca de Babel*, de Jorge Luis Borges, que descobri que a biblioteca é ilimitada e cíclica. Sempre me senti melhor aqui do que em qualquer outro lugar desta Universidade. Sentia-me, muitas vezes, melhor do que na sala de aula. Enfim, sentia-me em casa. O meu curso era noturno. Então, quando um professor faltava, era aqui que eu passava as minhas noites. Eu me fascinava também pelo fato de saber que este lugar foi cuidado com tanto zelo e tanta paixão por uma poeta que também era bibliotecária. Para mim, Zila Mamede era a poeta do mar e da terra e também a guardiã dos livros. Naquela época eu ainda não a conhecia pessoalmente.

Quando eu era estudante, vi Zila uma única vez. Quando ela esteve como professora visitante no Laboratório de Criatividade, do qual eu era aluna. Então, tudo que eu sabia de Zila vinha da sua poesia e do fato dela ter sido a principal responsável pela construção física e intelectual deste lugar. Poucos

¹ Texto pronunciado em Natal em 16 de março de 2016, no auditório da Biblioteca Central Zila Mamede, na Universidade Federal do Rio Grande Norte, durante a mesa-redonda “21 anos de Bibliocanto: relatos de experiência”, compondo um dos eventos integrantes das Comemorações Alusivas ao Dia do Bibliotecário.

² Marize Castro. *Lábios espelhos*, Natal: Una, 2009, p.49.

³ À época, vice-diretora da BCZM. Na direção estava a bibliotecária Rejane Lordão.

anos depois, fui apresentada a ela pelo poeta Ney Leandro de Castro e me tornarei sua amiga. Uma convivência breve, pois Zila morrerá um ano após eu ter lançado o meu primeiro livro, quando ela foi uma das primeiras pessoas da fila de autógrafos. Zila era assim, generosa, fez questão de ir lá, abraçar aquela menina que eu era e me dizer que admirava a minha poesia. Há poucos anos, vi aqui, nesta biblioteca, o exemplar de *Marrons Crepons Marfins*⁴ que eu autografei para ela. A minha letra revela a minha idade à época, uma letra desenhada, garrafal, juvenil.

Sempre acreditei que quando estamos com um livro em mãos, estamos procurando um modo individual de ver as coisas. Dialogar com o outro que muitas vezes jamais conheceremos. No meu imaginário de estudante, Zila me proporcionava, por ter organizado esta biblioteca, esses momentos de diálogo com o outro. Acredito que graças a ela, instaurei relações de amor com os livros de minha vida. Alguns livros que li aqui, mais tarde eu os comprei. Por que os comprar se já os havia lido? A resposta é: Porque eu já os amava e não havia como não retornar para eles.

O semiólogo, professor e escritor Umberto Eco, falecido recentemente, disse que a biblioteca não é somente o lugar da sua memória, onde você conserva o que leu, mas o lugar da memória universal. Então, vocês bibliotecárias e bibliotecários que aqui trabalham são as guardiãs e os guardiões dessa memória. Considero isso um privilégio. Como bem disse Matthew Battles, o sagaz autor de *A conturbada história das bibliotecas*, “[...] o bibliotecário deve guiar a comunidade com mãos invisíveis no caminho do progresso, mantendo o dedo no pulso das necessidades políticas e econômicas, das preferências literárias e culturais de sua época”⁵.

Considero a biblioteconomia uma das valiosas profissões da humanidade, inclusive nos momentos que a ignorância nos cerca de forma soberba, reclamando para si mais e mais dominância, através do proselitismo

⁴ Prêmio de Poesia da Fundação José Augusto. Publicado em 1984 por Carlos Lima, na extinta editora Clima.

⁵ Matthew Battles. *A conturbada história das bibliotecas*, São Paulo: Planeta, 2003, p. 152.

da maioria dos políticos. É importante saber! Se sabemos, nos tornamos menos frágeis, quanto mais conhecermos o passado, mais o presente será nosso. Realmente nosso! E esse saber a biblioteca dispõe, seja ela física, seja ela virtual. Quando elaboramos as primeiras edições do jornal *Bibliocanto*, reconhecer o passado foi nossa primeira intenção. Homenagear Zila foi a forma de agradecer o seu legado.

Meses atrás fui procurada por Aniolly Maia, atual editora da revista *Bibliocanto*, que estava finalizando o seu mestrado. Por email fiz para ela um pequeno relato sobre a ideia do jornal, no qual deixei claro que o objetivo principal era ter uma publicação voltada para o livro, para o ato da leitura e que também divulgasse os eventos da Biblioteca Central Zila Mamede. Guardei comigo, durante anos, o exemplar que saiu sob a minha responsabilidade, mas o tempo e as minhas mudanças de moradias fizeram com que ele fosse extraviado. Era uma publicação bastante modesta, até mesmo para a época, pois a BCZM não possuía verba para tal atividade. A publicação era distribuída (não recordo a tiragem) na recepção da Biblioteca, enviada para departamentos e unidades da UFRN, além da imprensa em geral. O público leitor era formado, essencialmente, pela comunidade universitária: professores, técnicos e alunos. Como disse no início da minha fala, foi uma experiência breve, mas prazerosa, pois novamente tínhamos a oportunidade de destacar o silencioso exercício de semear bibliotecas⁶ realizado por Zila Mamede durante quase toda a sua vida.

Finalizando, parablenizo a BCZM por ter trazido de volta a essência do *Bibliocanto*. Desta vez como periódico eletrônico. Uma proposta bem mais sofisticada do que aquela dos anos 1990. Mas, certamente, tendo o livro, seja eletrônico, seja físico, como bússola.

Em homenagem a Zila Mamede e as bibliotecárias e aos bibliotecários que estão aqui, neste auditório, eu encerrarei esta minha sucinta fala, lendo um

⁶ No ano de 2011 publiquei o livro chamado *O silencioso exercício de semear bibliotecas*, resultado da minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRN, defendida no ano de 2005, abordando toda a trajetória de Zila Mamede na biblioteconomia.

poema de autoria do cego que tudo via, o escritor e bibliotecário Jorge Luis Borges. Chama-se *O guardião dos livros*⁷:

Aí estão os jardins, os templos e a justificação dos templos,
A exata música e as exatas palavras,
Os sessenta e quatro hexagramas,
Os ritos que são a única sabedoria
Que outorga o Firmamento aos homens,
O decoro daquele imperador
Cuja serenidade foi refletida pelo mundo, seu espelho,
De sorte que os campos davam seus frutos
E as torrentes respeitavam suas margens,
O unicórnio ferido que regressa para marcar o fim,
As secretas leis eternas,
O concerto do orbe;
Essas coisas ou sua memória estão nos livros
Que custodio na torre.

Os tártaros vieram do norte
Em crinados potros pequenos;
Aniquilaram os exércitos
Que o Filho do Céu mandou para castigar sua impiedade,
Ergueram pirâmides de fogo e cortaram gargantas,
Mataram o perverso e o justo,
Mataram o escravo acorrentado que vigia a porta,
Usaram e esqueceram as mulheres
E seguiram para o sul,
Inocentes como animais de presa,
Cruéis como facas.

Na aurora dúbia
O pai de meu pai salvou os livros.
Aqui estão na torre onde jazo,
Recordando os dias que foram de outros,
Os alheios e antigos.

Em meus olhos não há dias. As prateleiras
Estão muito altas e não as alcançam meus anos.
Léguas de pó e sonho cercam a torre.
Por que enganar-me?
A verdade é que nunca soube ler,
Mas me consolo pensando
Que o imaginado e o passado já são o mesmo
Para um homem que foi

⁷ Publicado no livro *Elogio da Sombra*. Tradução de Carlos Nejar e Alfredo Jacques.



E que contempla o que foi a cidade
E agora volta a ser o deserto.
Que me impede sonhar que alguma vez
Decifrei a sabedoria
E desenhei com aplicada mão os símbolos?
Meu nome é Hsiang. Sou o que custodia os livros,
Que talvez sejam os últimos,
Porque nada sabemos do Império
E do Filho do Céu.
Aí estão nas altas estantes,
A um tempo próximos e distantes;
Secretos e visíveis como os astros.
Aí estão os jardins, os templos.